

A “nossa” casa está a arder

Maria Amélia Martins-Loução

Se nada se fizer para repor a biodiversidade, não será com redução de emissão de gases com efeito de estufa que se limitará o “fogo lento” em que o planeta se encontra

Em 1666, Anne Bradstreet escreveu um poema célebre “Sobre o incêndio da nossa casa”, que mostra a tensão da poetisa entre o apego às coisas terrenas e a consciência da sua vaidade. Numa noite o fogo fez em cinzas todos os seus pertences e apercebe-se de que não há preço que pague o que perdeu. São inúmeras as odes, as canções, os discursos, que usam esta metáfora como chamada de atenção para o estado da “nossa” casa, o planeta Terra. De que forma a ciência deve colocar as suas preocupações sobre a perda de biodiversidade, a alteração e adulteração dos ecossistemas, para definir agendas de investigação e aconselhar políticas? Infelizmente, a informação sobre os riscos desta destruição não tem gerado tanto impacto na opinião pública quanto as alterações climáticas. Não é por falta de estudos científicos, nem de reportagens, mas antes de transmitir a necessidade de valorizar o que a natureza nos dá. O problema é que a sociedade, cada vez mais urbana, vive refém da comodidade de uma certa qualidade de vida e sente mais as variações meteorológicas do que a falta desta ou daquela espécie.

Após a Segunda Grande Guerra e com a necessidade de reconstruir e investir no desenvolvimento, a pesca, desflorestação, produção agrícola, colheita, uso e abuso de produtos químicos, para acelerar os processos, causaram – e causam – inúmeros problemas ambientais. Ao longo destes anos e em prol do poder económico, aumento de riqueza, necessidade de alimento para uma crescente população, foram-se alterando paisagens, uniformizando culturas, exterminando espécies, em particular predadores de topo, tanto nos ecossistemas terrestres como marinhos. São vários os artigos que mostram as consequências que a perda de biodiversidade tem para a estabilidade dos ecossistemas e para os serviços que suporta.

Um desses serviços é a regulação climática, pouco falada e compreendida pela população e políticos. Pelo contrário, as políticas energéticas, para reduzir a emissão



de gases com efeitos de estufa, são apresentadas como medidas de mitigação das alterações climáticas, que afectam a biodiversidade. Esquece-se que foi a perda contínua de diversidade que tornou o planeta menos resiliente às alterações climáticas. O



A melhor solução para combater a alteração climática é recuperar habitats terrestres e marinhos



aumento de gases na atmosfera veio apenas potenciar o que já se esperava, a falta de resposta adaptativa de sistemas humanizados, uniformizados e com baixa diversidade. Se nada se fizer para repor a biodiversidade, não será com a redução de emissão de gases que se consegue limitar o “fogo lento” em que o planeta se encontra.

Uma das melhores medidas a implementar é incentivar a capacidade de retenção de gases

através do aumento de área florestal heterogénea e da diversificação de ecossistemas. Não é por acaso que as Nações Unidas declararam 2020-2030 como a década para a restauração dos ecossistemas. Com esta estratégia, a biodiversidade pode ser reposta e os ecossistemas podem funcionar como tampões das alterações que os gases com efeito de estufa têm vindo a causar. É tempo de compreender que a melhor solução para combater a alteração climática é recuperar *habitats* terrestres e marinhos.

É ilusório pensar que os seres humanos, detentores de uma elevada capacidade tecnológica e inteligência artificial, têm capacidade para mimetizar a natureza. Desconhece-se que muitas das interações presentes entre organismos ainda não são conhecidas ou compreendidas. Na natureza os sistemas são abertos, estabelecem-se redes, antagonismos ou dependências entre diferentes espécies, microrganismos do solo, plantas, animais, de acordo com os factores a que estão sujeitos. Uma vez interagem, outras estabelecem ligações simbióticas duradouras e unas, como o caso dos líquenes ou dos corais. As doenças crónicas, as pragas, as epidemias que hoje se sentem não são mais do que o resultado das alterações e da uniformidade que se construiu. Antes, as paisagens eram heterocromáticas,

heterogéneas, em forma e estrutura. Hoje, mais parecem paradas militares, todas alinhadas, certas, uniformes, controladas pela tecnologia e pela inteligência artificial que avalia a produção económica.

Os resultados da investigação dos ecólogos têm mostrado que as ligações entre diferentes espécies em habitats contíguos asseguram as funções e repõem os serviços dos ecossistemas. Daí a insistência em repor e implementar a diversidade e preservação de sistemas agro-silvopastoris, que sempre trouxeram a resiliência aos ecossistemas mediterrânicos. No entanto, os ecólogos têm de saber cativar a atenção dos jornalistas, mostrando a utilidade em saber ler e entender os sinais da natureza. Certos temas, como o caso das abelhas e polinizadores, têm sido visíveis e atractivos. Mas esta associação entre cientistas e jornalistas necessita ser fortalecida, com ou sem casos emblemáticos. Só assim pode ser possível consciencializar a sociedade e os decisores políticos que a sustentabilidade do planeta Terra depende da salvaguarda dos ecossistemas naturais e da biodiversidade que eles encerram.

Bióloga, professora catedrática da Universidade de Lisboa; presidente da Sociedade Portuguesa de Ecologia